

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL

S. Paulo, 3 de Março de 1895

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

SUMMARY

Chronica	DOM CARNAVAL PAULISTA
O monge soneto,	LEONARDO LEONI.
Uma das do padre cura	HYPPOLITO DE CAMARGO.
Dois tumulos	P. C.
Entre cyprestes.	GARCIA REDONDO.
Do Poema do Ideal	FERNANDES COSTA.
Ao presidente da Republica	S. NUNES.
Problemas a premio	COCISFRAN.
Miss Star, conto	ESCRAGNOLLE DORIA.
Aos goivos, soneto	CARLOS D. FERNANDES.
Platéas	MINIMO.
Hippica	D'ARTAGNAN.
Despachos	JOB.
Expediente	
Noticias intercaladas	

Chronica

Das portas da morte vos escrevo.

Já dos sinos do Rosario me cahiram sobre o arcaboço debil de agonisante, as onze horas d'esta ultima noite. Sessenta minutos apenas, Senhor, para dizer adeus ao mundo n'esta chronica pallida como a luz que ainda resta ao meu entendimento...

A um canto da rua Quinze, onde vou render a alma ao omnipotente Momo, chegam as derradeiras vozes dos que me saúlam; ouço os tangos dos Tenentes, penetra-me o aureo retinir dos clarins fenianos.

E morro em paz, satisfeito do que pratiquei, empavézado de tanta homenagem. N'estes tres dias, não obstante as pirraças aquaticas de um Deus que não reconheço—Aquelle que se escreve sempre com letra grande—fui tudo; impuz-me, reinei tão absolutamente em S. Paulo como o Czar da Russia no seu imperio. E reinado glorioso como este! Os resplendores que aureolam os meus antepassados no céo de Momo vão ficar tão mesquinhamente luminosos perto do meu, como a chamma d'este lampeão de

gaz que me allumia emparelhada aos focos electricos da Paulicéa, que até ás dez e meia manchavam o tom negro das calçadas com as suas barras cor de perola.

Multipliquei-me por toda a parte, encarnado nos rapazes de espirito, nas damas faceiras; escondi-me na elegante *mulher* cheia de verve, dum carro allegorico dos Plutões; inspirei o Ali-Baba do Poleiro nas suas concepções extraordinarias. Fui um milhão de serpentinas toldando toda uma rua com fitas de trinta cores, fui um cartucho de *confetti*, chovendo no cabelo das moças, esgueirando-se manhosamente para os colos de neve, pela aberta dos decotes. Pinte!

Ai, que esta morte é pacifica e consolada, mas triste, mas saudosa, como um adeus do mar largo para a ultima costa da terra patria...

Onze e um quarto...

Quantas obrigações me deveis, todos vós que déstes sorte n'estes dias, satyros de cara á vela ou mascarados, puffistas, socios de clubs. Sereis, em verdade, muito ingratos, se não mandardes rezar a missa do setimo dia pelo meu repouso... Mas não, deveis rezal-a vós mesmos, sacerdotes carnavalescos, com calices enormes, cheios de champagne!

Só de mim não terão saudades, os comicos do Apollo. Tem lá estado n'um camarote de segunda ordem uma particula do meu ser, praticando atrozidades diabruras. O Brandão morde-se de raiva, a Miola tem-se posto uma gata assanhada, o Leonardo está impando de furo; a Palacios já perdeu tres kilos de delormidade. Todos fitam odiosamente o camarote revolucionario, das cadeiras berra-se «fóra os caraduras!», e olhares de fogo e apostrophes vão contra dois correctissimos rapazes, que nada mais fazem do que obedecer á minha influencia dominadora.

E os artistas (ponham accento no a) soltam barbaridades horriveis, tambem sob o meu irresistivel maadato...

Onze e meia!

Ainda ha pouco, a actual heroína do *Tim Tim* disse na musica do fadinho que

para se ser bom rapaz
dá-se palmas á Miola...

—Dão-se! gritam-lhe do camarote.—Dão-se
palmas á Miola!

—Fôra o sem vergonha!

Aqui, um dos endemoninhados pede a palavra,
rompe n'um discurso difficil. E os actores no palco
a olhar, o regente na orchestra, de batuta alçada, a
olhar, e a salerosissima Rivero, em primeira, a
olhar.

Continua em fim o espectáculo; mas o Lima lar-
ga um «houveram» (tudo por artes minhas) picando
nova chalaça grammatical, e certa actriz, que não
é portugueza, faz uma salsada de bb e vv, atira uns
«dizere, fazere e cantare», que se arrasa o mundo.
Quando Lucas volta do restaurante, e conta do co-
dilho que lhe pregaram, o alambadissimo Zebe-
deu solta certa phrase de nú e forte realismo; vae
um dos apartistas, logo protesta que aquillo não
pode ser da peça por incompativel com a morali-
dade do auctor. No fim, um lavrador quebra os ver-
sos d'uma quadra popular, cantando

Se domingo fores á missa

em vez de

Se fores domingo á missa...

Nova piada. Mais ainda outras torturas eu fiz
cometter, dando a companhia uma Avenida da Li-
berdade, de Lisboa, com senhoras passeando, em
cabello, etc., etc.

Onze e tres quartos! Já me custa escrever, a
penna especa a miudo, porque os dedos a não im-
pellem com vigor. Sinto-me quasi.

Na Bella Vista não entrei. Quiz mandar uma
mollecula da minha graça no bolso do alegre Juve-
nal, mas achei-o sempre tão triste, o pobre, não
sei se por causa de amores mal correspondidos, se
por causa de dinheiro que lhe faltase... Desisti da
Bella Vista. Poderia talvez escolher um outro so-
cio, mas parece que todos elles só sabem despejar
espírito, engarrafado préviamente em casa.

Mas puz na rua essa bella estudantina, que
percorreu a cidade, tocando um genuino *passe de
calle*, cantando ás moças *peteneras* e *seguidillas*. O
ruim foram certos trombones que roncavam junto
com as suspirosas rebecas e os bandolins vibra-
tes... Mas n'isso, bem como n'um enorme talher
que os *tunos* cruzaram no chapéo, declaro que não
tive cumplicidade. De resto, admiravelmente. Uma
senhora das minhas relações, nascida em Vallado-
lid e educada em Pariz, confessou-me n'um cosmo-
politismo de linguas, que não reproduzo, haver
derramado lagrimas de commoção, á passagem os-
tentosa do bando. E é de acreditar.

E' verdade, esqueciam-me os Promptos. Esses
são muito meus. Ahi passaram, embasbacando as

massas, com o phrenetico Coalhada, subdito de
todos os carnavaes e meu tambem, berrando como
um louco que só desperta *sympathia*, os hymnos
em meu louvor...

Mas agora é que de todo não me sinto bom.
Mal entendo o que escrevo, e cahe-me a penna da
mão.

Ai! começam as badaladas da meia noite...

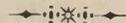
Não tardo a morrer. O' vós amigos, ó bohe-
mios, vinde dançar o derradeiro tango sobre a mi-
nha sepultura...

DOM CARNAVAL PAULISTA.



Da distinctissima directoria da «Sociedade 5
de Março», de Amparo, recebemos um elegante
convite para o baile que dá a 5 de corrente em
commemoração ao 2º anniversario daquella fina
associação dansante.

Impossibilitados de comparecer á festa, en-
viamos o convite a nosso distincto amigo e repre-
sentante em Amparo.



O Monge

(Lembranças de Napoles)



*Com os alforjes gravidos voltava
O velho monge á solitaria cella:
Tombava a noite, e alguma rara estrella
No limpido horizonte rutilava.*

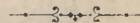
*Frade — eu lhe disse — que serena e bella
E poetica tarde... — Elle me olhava
Melancolicamente, e, sob aquella
Carga dilecta, apenas caminhava.*

*Depois fallou da sua mocidade,
Dos seus achaques, do abundante Agosto,
Da vasta e formosissima cidade.*

*Mas, perguntando se elle tinha amado,
Levou as mãos á pallidez do rosto
De tristissimas lagrimas banhado...*

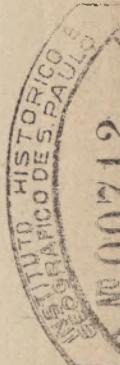
LEONARDO LEONI.

S. Paulo, 95.



A chronica semanal do *Correio Paulistano*, fir-
mada por G. R., que, como se vê, é um illustre
collaborador da *Revista*, recebeu com extrema bon-
dade, com captivantes finezas o terceiro numero
desta folha.

Um aperto de mão cheia... de agradecimentos
ao conhecido escriptor.



Uma daç do Padre Cura

II

— Pois bem! pois muito bem! acudio afinal o Chico Fernandes, alteando-se sobre os rixosos em cujo grupo metteo-se de emposta:—vós todos o que não tendes... é sizo!... Pois bem! pois muito e muito bem!... Mas... agora...

E depois de curta pausa, durante a qual fez subir philosophicamente os oculos do nariz para a testa, concluiu com voz abemolada e com um piscar de olhos assás significativo:

— Vamos ao nosso costumeiro cafézinho de Santa Thereza, que ja vi passar o taboleiro das santinhas freiras para a sachristia. O nosso amado padre cura, com a demora dos seus contubernaes, ja está dando pelas do tinhoso! Que dizeis, heim?!

— Ao cafézinho!

— Pezares que passem!

— E todos seguiram os passos do nobre juiz de paz.

—Então, tu te vás mesmo?

— *Pró estado malhor*, amigos meus! e das onze p'r'as doze... ja sabeis todos! á *Casa da Polvra!* Ca eu não sei o que é ter mêdo! Duendes .. trasgos... almas penadas, ta, ta, ta! bem sabeis! bem me entendeis!

—Mas olha, oh valente capitão, disse com voz untuosa o Padre Cura, detendo o Major pelo braço, eu bem sei que os mortos vão depressa, que não voltam nunca mais; porém, querendo Deus até o sol pode desfazer-se em neblina! Ora, em mim tu tens um *amicus usque ad aras*, e é por isso que te eu digo que ás vezes é o diabo quem busca rir-se da gente!

—Quanto mais, acrescentou com tom agudo o requerente Batalha, descrevendo em meio da sachristia um ricochete de *sólo inglez*, sim! sim quanto mais que... o *Chaguinhas*... aquelle que foi enforcado com um laço de couro crú...

—*Ut tum res erant!* exclamou philosophicamente o licenciado.

—Ora! retrucou o Major com o mais vibrante arreganho militar; e para que me serve esta durindana flammejante que já coruscou na fusilaria de sete batalhas?! Que venha o *Chaguinhas!* que venha o diabo se lhe parece!...

—Pois veremos isso! espirrou por sua vêz o licenciado Aleixo dando uma piscadella d'olhos ao Padre Cura que lhe respondeu com um quasi imperceptivel movimento de cabeça.

—Em todo caso, obtemperou o Chico Fernandes, não se pode dizer que á meia noite em ponto não haja inferneiras lá pelo *Largo da Forca*, isso lá não se póde!

E tomou, silencioso, ares de terrorisado.

—*Tertia vigilia!* resmungou lugubrememente o licenciado, imitando-o.

—A tal hora, confesso minha fragilidade, ali é que ninguem me pilha! disse o Cura.

—Nem a mim!

—Nem a mim tão pouco! exclamaram os restantes.

—Pois, se quiserdes, amigos meus, é até um favor que vos peço, para que mais tarde possaes publicamente attestar a minha intrepidez, o meu valor, o meu animo de soldado imperterritito, ide, ide sem falta da meia noite em diante aguardar o regresso da minha ronda, ali no *Largo de S. Gonçalo*, mesmo na esquina do Conego Ildfonso, defronte dos Remedios! Dito?!...

—Dito!! exclamaram todos.

—Pois então, até la! até la! até la!

E rasgando marcialissima continencia, o Major *Septem Proelia*, talhou, victoriosamente, caminho para o Palacio do Governo.

(Continúa).

.....*.....
A *Cidade de Taubaté* recebeu a *Revista* originalmente: com uma noticia em typos graúdos, irresistiveis á leitura.

Gratos!

Dois tumulos

(Pagina arrancada ao meu album de impressões).

Sim, minha amada, sim; vezes ha, que bem dizemos o silencio pavoroso das catacumbas desoladas, dos mausoléos-monumentos que os vivos fazem levantar como a traducção em pedra de uma saudade eterna... e de uma eterna vaidade, — que importa uma ou outra cousa?

Veze ha... Mas, hontem, quando da tua boca de coral vivo, as palavras tão santas e tantas vezes profanadas, — amor e esquecimento, — achei que o coração da mulher é bem semelhante ao tumulo: guarda muita vez um affecto morto, como o tumulo guarda a ossada do cadaver.

Pois não crês? Veze ha, tambem, que bem dizemos o silencio que vai por um coração em pleno vigor da idade, como bem dizemos, ás vezes, otristissimo silencio das catacumbas desoladas...

E' isto: o coração é o tumulo do amor, como o tumulo é o coração do esquecimento,—o' minha amada, o' meu querido affecto!

P. C.

.....
O *Popular* de Taubaté fez-se credor dos nossos melhores agradecimentos pela maneira por que nos recebeu. Creia o charo collega que o seu artigo nos foi uma consolação.

Entre cyprestes

(A influencia do meio)

Nesse lindo cemiterio sempre florido, que parecia um jardim, cheio de canteiros, de tufos de arbustos, de aleas umbrosas e de marmores multicores, com as suas ruas claras, macdamisadas com fragmentos de jaspe e a sua capellinha ogival a ensombrada por araucarias bracejantes e casuarinas rumuosas, é que elles se encontravam nas frescas manhãs de Setembro e nos crepusculos outonaes para amar ás occultas.

Alli se haviam encontrado a primeira vez, por acaso, ambos cobertos de lucto. Elle tinha vinte e dous annos e viera alastrar de rosas o tumulo minusculo da irmã pequenina; ella tinha apenas dez-oito e viera engrinaldar a sepultura do avô, que a idolatrara. E, encontrando-se alli pela primeira vez, ambos moços, ambos bellos, ambos cobertos de crépe e com braçadas de flores, uma *sympathia* mutua os attrahiu um para o outro e amaram-se.

E sem se combinarem, sem trocaram palavras, olhando-se apenas, elles se encontraram de novo, dous dias depois, n'esse mesmo cemiterio, que parecia um jardim, ambos cobertos de crépe e com braçadas de flores

Elle parara em frente ao pequenino tumulo da irmã sobre cujo lapide só havia como ornamento uma pomba morta—um primor de escultura arrancada ao marmore branco de Carrara por um cinzel amoroso; ella parára junto á sepultura do avô, que ficava a dous passos, e onde uma grinalda de bronze circundava o faste de uma columna de marmore negro quebrada a meio.

E alli, simultaneamente, silenciosamente, deram começo á tarefa agridoce de substituir as flores murchas por outras frescas e perfumadas.

Quando acabaram, ella achou-se com um ramo de *myosotis*, que ficára no fundo do seu lindo cabáz de vime, e elle tinha na mão um punhado de *crysanthemas* para as quaes já não havia logar na pequenina lapide do pequenino tumulo acogulado de rosas.

E, sem trocaram palavras, olhando-se apenas, elles affataram-se um do outro e começaram a divagar solitarios sob a ramaria frondosa das aleas e por entre os marmores polidos das sepulturas dos ricos d'esse lindo cemiterio, que parecia um jardim.

**

No dia seguinte, quando voltaram, ella encontrou *crysanthemas* esmaltando de branco e amarello o bronze foseo da grinalda do tumulo do avô e elle encontrou um ramo de *myosotis* dormindo ao lado da branca pombinha morta da sepultura da irmã.

E, então, pela primeira vez se approximaram um do outro, pela primeira vez se apertaram as mãos e pela primeira vez trocaram palavras de reconhecimento mutuo com lagrimas de alegria e de pesar nos olhos.

**

Desse dia em diante, ora de manhã, ora á tarde, elles se encontravam sempre n'esse lindo cemiterio

florido que parecia um jardim.. E unidos, no começo, por uma *sympathia* fraterna e depois, por um sentimento mais terno e mais forte que os impellia um para o outro, elles amaram-se e deram expansão á sua ventura por entre os tumulos e as flores d'esse formoso jardim da morte.

Era alli, sóalli sob as aleas umbrosas, atraz dos marmores multicores ou dos tufos de arbustos, que elles deixavam expandir a sua ventura viajando pelo paiz da chiméra, vestidos de crepe como sombras errantes; e fôra alli, fôra alli, occultos pelo socco elevado de uma cruz de granito, que os seus labios se uniram no primeiro beijo de amantes.

Em frente a essa cruz, ficava um tumulo pequenino e artistico onde um menino de marmore branco deliciosamente branco, dormia um somno tranquillo sobre uma almofada de onix. Semínú e carnudo, esse anjinho de marmore, alli colocado pelos impulsos do amor materno, parecia sorrir, e elles, ao vel-o após o primeiro beijo, entre-olharam-se e pudibundos estremeeceram de jubilo.

**

Desde então, á sombra cariciosa das aleas por entre os arbustes floridos, no meio das begonias, das rosas, dos caladiuns e das madresilvas em flor, isolados e felizes, alheios e familiarizados com a morte, elles deixaram crescer esse amor que brotára entre tumulos, como brotára toda a vegetação luxuriosa e carnuda, que alli surgia do seio potente d'esse terreno farto alimentado pela carne humana.

E todas as tardes, antes de partirem, elles vinham dar o ultimo beijo, trocar a ultima caricia em frente ao tumulo pequenino onde dormia o menino branco, deliciosamente branco, sobre a almofada de onix.

**

Mezes depois um sacerdote vitalisava a chimera unindo-os para sempre e abençoando essa união, que devia predurar longos annos.

E, desde então, muitas luas passaram sem que elles voltassem a esse lindo cemiterio que parecia um jardim, onde cresciam sempre as rosas, as begonias e as madresilvas, longe do seu olhar amoroso, que tanta vez as acariciara outr'ora.

Mas um dia, n'esse ninho fofo e longiquo, onde elles occultavam a sua ventura, ouviu-se um vagido e, fructo d'esse amor que nascera entre tumulos, veio ao mundo um menino branco, deliciosamente branco, como o menino de marmore, que no cemiterio dormia sobre a almofada de onix.

Branco, branco, sem sangue, da côr do jaspe, essa creança teve a existencia de uma aurora e levada ao lindo cemiterio, que parecia um jardim, foi dormir o somno eterno entre as rosas e as begonias, que lá cresciam e floriam sempre.

**

Desde então, de tempos em tempos, esse lindo cemiterio, que parecia um jardim, recebia em seu seio fecundo um menino branco, deliciosamente branco, como aquelle que dormia sobre a almofada de onix.

E' que d'esse casal de amorosos, cujo amor nascera entre tumulos, só provinham phantasmas, fructos sem sangue, pequeninos cadaveres, que a terra reclamava logo.

INSTITUTO HISTÓRICO
 BIBLIOTECA DE SÃO CARLOS

**

Mas, uma tarde, ambos cobertos de crepe e com braçados de flores, elles volveram ao cemiterio acompanhando um esquife onde dormia um menino branco, deliciosamente branco como os outros que essa terra vorazmente tragara.

E, chegados lá, ajoelharam-se em frente ao tumulo onde dormia o menino de marmore sobre a almofada de onix, e depois de orarem por muito tempo, por muito tempo, cobriram-no de rosas vermelhas.

Sob esse manto de petalas sanguineas deluirase a brancura do marmore e viu-se pela primeira vez, em lugar do menino branco, um menino roseo, quasi de carne, deitado sob a almofada de onix.

E, desde então, desde então, nunca mais entrou n'esse cemiterio, que parecia um jardim, o pequenino esquife, que continha o menino branco, fructo do amor, que nascera entre as campas.

1895.

GARCIA REDONDO.

Fernandes Costa acaba de publicar em Portugal o seu formoso— *Poema do Ideal*. Ahi damos aos leitores uma amostra do pauno,—uns mimosos setisyllabos:

1

*Mulheres,—graças a Deus!—
Não hão de cedo acabar!
Mulheres ha de haver sempre,
Emquanto o mundo fór mundo,
Emquanto alguém as amar,
Nada de mais para amal-as,
Nem de mais para as cantar.*

2

*Sempre ha de haver corações
De mulher a consolar;
Sempre ha de haver almas tristes,
E quem precise chorar!
Se eu souber que algum allivio,
Hão de ellas aqui achar,
Hei de dizer convencido:
Tive razão de cantar!*

3

*Emquanto houver n'este mundo
Quem possa de amor penar,
Sempre, meus versos, tereis
Almas a quem agradar.
Que mais podeis exigir?
Tendes azas! tendes ar!
Não tenhaes medo da sorte;
Versos, haveis de voar!*

4

*Idê, versos, correr mundo!
Não vos queiraes sepultar.
Alguem vos ha de entender!
Alguem os ha de abrigar!
Almas vestidas de negro
Poder-vos-hão conspurcar!
Não podeis tornal-as brancas;
Mas bem sabeis perdoar!*

AO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Gosarão socego eterno
Vossos patricios leaes,
Si da patria no governo
Vós, prudente, demoraes.

S. NUNES.

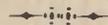


Porque reconhecemos em o snr. coronel Ferreira da Costa, um correcto administrador de correio, a S. S. nos dirigimos, respeitosa e pedindo providencias energicas, contra a escandalosa e irregular distribuição de nossa folha, nesta capital e no interior.

Chovem-nos reclamações dia a dia, e temos certeza de que a nossa remessa é feita com todo o cuidado.

De quem pois a culpa?

E' o que cabe ao snr. coronel Ferreira da Costa, nos responder.



Problemas a premio

Decifrações até quinta feira. Os premios são dados por sorte.

Decifrações das charadas do ultimo numero: Cachaço, Chamfalho, Caparrosa, Pote, Cafurna, Falsario, Parede, Mascara, Pucha.

De todos os decifradores de quem recebemos carta, somente Lico decifrou todas, podendo portanto procurar o premio—*Regina*.

D. Siva decifrou oito, tendo portanto direito á uma serie desta folha.

Para hoje as seguintes, de Silvio Theodoro, dedicadas aos mestres:

1—1—1—Esta conjuncção é duas vezes adverbio e prophetiza.

2—1—Esculpe esta interjeição um ornato.

1—2—Siga este instrumento destemido.

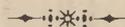
1—2—O templo é participio irregular e corpo politico.

1—2—Quem se convence deste enunciado vale dinheiro.

1—2—Na musica esta povoação é homem.

Premio: *Estetique*, de Schiller.

COCISFRAN.



Annuncia-se para amanhã, o apparecimento na Capital Federal, do 1.º numero do *Rio-Revista*, folha que vem auxiliar immensamente a litteratura nacional.

Será a nova revista redigida por conhecidos homens de lettras, e illustrada por Julião Machado, Arthur Lucas, Isaltino Barbosa e Mauricio Jobim; o bastante para augurar á *Rio-Revista*, longa e feliz existencia.

Miss Star

Conheci-a n'um theatro. Representava-se não sei que ; uma farça qualquer. Alguem m'a apresentou sem cerimonia. Banidas as regras da etiqueta ficamos logo amigos. Conversamos como se fôramos intimos. Agradou-me tanta singeleza de modos casada a tanta ingenuidade modesta.

Era a inglezinha mais gentil que até hoje produzio Albion. O seu retrato ? Uma carinha bôa, meiga, leal; olhos azues como turquesas, cabellos lavados em ouro ; uma boquinha de rosa desabrochada em manhãs de orvalho ; uma cutis fina, feita de luar, acanhamentos adoraveis, gestos languidos, sorrisos ternos. Parecia sahida do «*Midsummer's Night*».

Nascera em Londres, n'um feio quarteirão enegrecido pelos buleões de fumo golfados das chaminés das grandes fabricas. Passara a infancia vendo o Tamisa rolar as aguas pretas pela capital do carvão. Educada em severo lar anglicano pouco conhecia o mundo. Habituara-se ao piedoso recolhimento dominical, ás leituras da Biblia nos penates. Não conhecia quasi nada dos *squares*, dos passeios, dos arrabaldes da monstruosa *London*. De vez em quando ia a Drury Laue assistir algum espectáculo com umas tias velhas, cheias de *shockings* e bandós. Uma só vez fôra campos em fóra ; mirára o céo, as arvores, a corrente murmura dos regatos ; ouvira a orchestra gasil dos passarinhos ; libertára-se do tumulto de Regent Street, esquecera os *cabes*, os *horse-guards*, os *grooms*, todas as figuras indispensaveis do kaleidoscopio londrino.

Contou-me tudo isso simplesmente, sem exaggeros, Miss Arabelle Star. Emquanto fallava, eu, embevecido, a julgava devéras bonita, com o seu vestido côr de rosa secco, elegante, correcto, obra prima de habil modista. Sympathisou tambem comigo ; amavel, recompensou-me com um obrigado na sahida do theatro quando lhe puz sobre os hombros esbeltos a capinha preta para protegê-la do sereno. De pé, no vestibulo, vi-a, com tristeza, entrar no carro.

Trotavam os ardegos cavallos, o vehiculo sumiu-se na treva, deixei-me ficar alli até que desaparecesse.

Poucos dias depois encontrei miss Star n'um saráo. Reatamos o fio das confidencias. Confessou-me ter ficado deslumbrada chegando ao Brazil. Extasiava-se diante das mattas, dos rios, das paisagens, da natureza inteira. As cartas para as amigas de Londres iam repletas de minucias sobre o bello paiz em que estava. Aos parentes mandava caixas com mimos exóticos : — folhas leves de

avenca ; folhas rendadas da verde samambaia ; borboletas, umas de grandes azas d'azul, outras pretas, velludas, mosqueadas de pintas vermelhas ; besouros esmeraldinos e aureos.

A' irmansinha Bettina, pensionista n'um longinquo collegio irlandez, enviára um colleiro empalhado.

Gostava de nossa lingua em cujos vocabulos achava encantos especiaes. Mesmo em inglez substituiu sempre *remember* por saudade.

Expandiu-se commigo na franqueza de ligeiro *flirt*. Gabei-lhe a belleza do appellido. Miss Star ! Não brilhava ella como os astros, como as castas estrellas de Othello, *your chaste stars* ? Mostrou-se satisfeita, lisongeadá com o madrigal.

Fallamos de Shakspeare a proposito de Julieta. Oh ! poesia dos amores da filha do Capuleto ! E os beijos na sombra, o bamboar da escada de seda no balcão opalescido pelo luar de Verona, os trillos da cotovia, a aurora listrando d'ouro o horizonte, o frio noivado do sepulchro !

Eu preferia Desdemona, a tempestade de Chypre, a camara onde fluctuava a canção do salgueiro triste.

Quando menina, miss Star lera muito Walter Scott. Povoára a cabeça de sonhos, julgára-se Ivanhoe e Flora Mac Ivos, fechada na bibliotheca de umas das tias cheias de *shockings* e bandós.

Descobrira por acaso, atrás de velha prateleira, coberto de pó, um tanto estragado, um volume de Byron. E Scherezarda viera contar-lhe historias ao ouvido... Vivia com Zuleika, e, no ardor do entusiasmo, chegára a gravar, no tronco de uma palmeira o seu nome por baixo do da noiva de Abydos. Muitas vezes era já noute quando sahia da bibliotheca. Que de artificios para esconder o fructo prohibido ! Que dôr quando o sorprendendo procederam a rapido auto de fé !

Fallou-se de theatros. Miss Star vira a excêntrica e nervosa Sarah. Uma nevrotica de primeira ordem, observei pilheriando. Aborreceu-se um pouco com o remoque. Mostrou-se as mãosinhas que tinham applaudido a grande actriz a ponto de inchar. Nunca se esquecera da inimitavel Phedra, incestuosa, languida, apaixonada, da lyrial Margarida Gautier, de todas as creações da famosa artista. Citei-lhe a Duse. Não a conhecia. Ouvira no Pedro II o Coquelin, unico na graça, na veia comica, no modo de accentuar o minimo dicto de espirito.

Descreveu-me a sua vida. Tinha poucas relações. Vivia com os paes n'um dos arrabaldes mais pittorescos do Rio de Janeiro. Dava-se apenas com uma brazileira, sua visinha. Estimava-a bastante, o que provocou algum ciúme entre as outras amigas patricias. Como, pois, aquella morena, olhos de jaboticaba, labios sanguineos, tranças

negras quaes noites de escuro vencia as louras donas dos lumes côr do ceu, das roseas bocças, das comas de ouro fino? Conspiravam tres contra a morena Dolores: miss Eugenia Laker, ingleza muito patriota e muito sardenta; miss Martha Laker, soberbo typo de formosura, masculinizada, emerita jogadora de *lawn tennis*; miss Lucy Bing, amante de corridas, a comprar *poules*, a descrever Epsom, a discorrer sobre o *stud-book* e os *forfaits*.

Miss Star gostava, porém, devéras de Dolores. Agradavam-lhe a animação e a vivacidade da brasileira.

Tanto fez miss Star que obrigou o pae a convidar-me para uma reunião intima, honra difficil de conceder a estranhos por filhos da Inglaterra. Fui. Achei miss Star com o mesmo vestido do theatro. A coincidência, visivelmente affectuosa, penhorou-me.

Uma loirita acanhada tocou ao piano o *God Save The Queen*. O auditorio, contricto e sisudo ouviu attento o hymno da patria distante a pedir pela soberana ausente. Miss Star cantou uma suave melodia, «A ultima Rosa.» Rouxinolava de manso, calma. Tocante em verdade a fresca harmonia dessa voz de crystal ferido a soluçar—*last rose of summer*.

Lá estavam as amigas do peito, sorridentes, expansivas. Miss Star veio apresentar-me Dolores. A morena sorriu de maliciosa, o olhar brilhando preguiçoso de volupia. Na frente de miss Star poisou-se uma rugasinha de contrariedade. Para disfarçar o amúo trouxe a collecção de aquarellas que lhe haviam consumido longas horas de trabalho. Eram magnificas pela firmeza de tons, pela suavidade dos matizes. Copiára uma porção de cabeças infantis, preferindo as de Reynolds ás de Greuze.

Separamo-nos. Precisei afastar-me do Rio e nunca mais a vi. Um dia encontrei na rua, a morena Dolores, já casada. Pedi-lhe noticias da amiga; partira para a terra natal, fallára sempre em mim, não esquecera as breves horas de nossa intimidade.

«Não sei porque se me afigura pôr nisso tudo os olhos pela ultima vez,» murmurara Miss Star na occasião da despedida em tom de convicta melancolia.

De vez em quando, ao avistar Dolores, não deixava de interrogar-a a respeito de Miss Star. Escrevia ella a Dolores de continuo, cartas longas, cheias de saudades, não olvidando jamais um *post-scriptum* affectivo e reservado para mim. Nem suspeitava Miss Star que eu lia taes missivas. N'uma d'ellas contava á amiga que os paes tinham resolvido casar-a com um patricio rico, mas a

quem não amava. Dormia sua alma virgem, no ninho do coração não lhe cantára a ave do amor.

Imaginei-a logo burguezmente instalada n'um *cottage* engrinaldado de hera, a vigiar as travessuras dos filhinhos sobre os grandes grammados enquanto o circumspecto marido saboreava o *Times* na cadeira de balanço.

Na ultima de suas epistolas a Dolores, communicava que partia para a Escossia, a convalescer de grave molestia pulmonar. O clima do Brazil a restabeleceria logo, mas os medicos não lhe permittiam a viagem. E, em phrases unguidas de tristeza, dava a perceber que não se lhe desvanecera no espirito a idéa da morte.

Não escreveu mais até que uma carta tarjada annunciou a Dolores e a mim que a inglezinha não pertencia ao numero dos vivos. Nada fazia prevêr tão fatal desfecho, ainda nas vesperas de morrer gorgeiára com sua a vozita de crystal ferido. Finára-se na Escossia, juntos aos lago azues, no declinio da primavera. *Last rose of summer*.

De noite quantas vezes d'ella não me lembro! Contemplando o céu bordado de astros a sciintillarem doces, tristes, julgo n'elles vêr os olhos tristes, doces, da inglezinha. Na outra vida deve ser o mundo das estrellas a patria de Miss Star.

ESCRAGNOLLE DORIA.

AOS GOIVOS

Flores da morte, oh! flores descoradas
Do friissimo sopro do mysterio!
Mendigas do frescor das alvoradas,
Que vegetaes no páramo funereo!

Com as resequidas pet'las abrasadas
Pelas chammas ciriaes do fogo ethereo,
Que surge, pelas noites estrelladas,
Dentre o funebre chão do cemiterio!

— Pallidos, tristes, pesarosos goivos,
Vós, que da morte aos macilentos noivos
Cingis a frente p'ra o lethal connubio,

Engrinaldae meu coração descrente,
Que amortalhado de pesar, dolente
Morre num pranto de pesares dubio!

CARLOS D. FERNANDES

Lançando fagulhas de espirito, appareceu cá em casa o interessante *Santelmo*, folha illustrada do Club Tenentes de Plutão.

PLATÉAS

Apollo.—Brazileiro Pancraccio.
S. José.—Os dous sargentos.
Polythecama.—Fechado.

Já o Amadeu austero e grave, passeava a passos largos (maneiras largas, diria o Machado) pela sala desta redacção, a espera do Ludovicus e de sua resenha theatral, quando me chega este bilhete, estylo de telegramma :

«*De Ludovicus*
 a *Minimo*—
Revista Litteraria»

Doente. Encatharrado, causa folguedos carnavalescos, bailes Plutões, impossivel escrever chronica. Não obstante temer (salvo modestia) não tenha espirito igual meu, passo incumbencia redigil-a. Não esqueças *travesti*, vóz grossa Brandão.

Ludovicus.»

E ahí está o bilhete pelo qual Ludovicus obrigame a substituil-o hoje em sua secção. E para vingarme do seu temor de não ter eu espirito igual ao seu, vou contar aos seus e meus leitores que elle só o teve durante o carnaval no imitar a vóz cavernosa do Brandão, e no apresentar Madame Pires (entre parenthesis, um dos successos dos espirituosos *Tenentes*) á sra. Pepa Rodrigues — ex-Ruiz — phantasiada de dominó branco, como a Pepa authentica.

Afóra isso, Ludovicus foi pela mesma snra. Pepa e pela actriz srã. Corina, muito debicado nos salões dos *Tenentes*, na longa palestra que com ellas entreteve.

Basta que lhes diga que o Brandão, o Cesar de Lima, o Alfredo Lopes, o Areas, e outros, amigos de Ludovicus, no brinde á Arte, não se poderam conter, deixando cahir as taças de champagne.

APOLLO

Epocha carnavalesca, muito naturalmente *Tim tim á travesti*, em que mais uma vez o inimitavel Brandão deu sorte na sua *audaz belleza*. Miola, Rive-ro, Palacio e Carmen, Cesar e Lopes, todos esplendidos.

O Juvenal, na terça-feira, auxiliou a empresa, *representando*, de camarote. Que era reporter talentoso sabiamos ha tempos, mas comico regular, só agora. Bravos ao Juvenal!

S. JOSE'

O auctor e actor Moreira de Vasconcellos nos dá hoje os *Dous sargentos*.

Antes fosse o *Guarany* para o apreciarmos no sublime trecho :

Pery ama Cecy — Pery fica aqui...

Tenho sobre a mesa diversas cartas dirigidas a Ludovicus, a quem as deixo para responder as.

Ha porém um protesto energico do sr. Cesar Ribeiro, sobre o ser mais feio do que o Cesar de Lima, o qual já noticia aos leitores, em consideração ao illustrado collega.

Por falta de espaço, deixo de publicar a carta, que aliás é extensa.

MINIMO.

Hippica

Eis aqui os palpites que adoptei para as corridas que hoje effectúa o Jockey Club :

Saint Rock	Segredo
Casulo	Santa Fé
Kean	
Coud. Rose Noir	Saint Clair
Segredo	Comparsa
Bessina	Niobe.

D'ARTAGNAN.

Temos ás mãos o ultimo numero da *Revista Industrial* de Minas Geraes, a esplendida publicação mensal dirigida por Alcides Medrado.

Com prazer permutaremos com a magnifica resenha scientifica mineira.

Despachos

Snr. J. M. - Gratissimos, contamos com seu valioso auxilio.

Snr. V. Neves. - O snr. faria melhor... morrendo, como o seu homonymo o tal que morreu. Então isto é cousa que se publique?

*Brilhava a luz num azul immenso
 Como uma leusa pensativa e bella;
 E eu inagüavel, da minha janella,
 Em ti, meu anjo, em qu' sempre penso.*

Eu prefiro aquella poesia de um litterato da roça :

*Pelo rio abaixo
 Vai correndo bello
 Da banana um cacho.*

Job.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

O preço das assignaturas, para qualquer parte, será o seguinte.

Serie de 23 numeros	7\$000
Serie de 47 numeros	13\$000

Prestam-se gentilmente a representar esta folha distinctos cavalheiros, com os quaes se poderá tratar tudo o que com ella se relacione, nos seguintes logares:

S. PAULO

SANTOS.—Alferes João Corrêa de Moraes Junior.
 RIO CLARO.—Major José David Texeira.
 ITATIBA.—João de Moraes Luz.
 ITU.—Theophilo de Arruda.
 SOROCABÁ.—Antonio de Oliveira.
 SERRA NEGRA.—José A. Amaral Pacheco.
 AMPARO.—Alferes Gustavo Pacheco.
 JUNDIAHY.—Major Carolino B. de Araripe Sucupira.
 DESCALVADO.—Dr. Virgilio Caldas.
 MOGY-MIRIM.—Dario Anhaia.
 JACAREHY.—Dr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama.
 RIBEIRÃO PRETO.—Dr. Pidefonso Pereira de Azevedo.
 IGUAPE.—Tenente Octaviano Carneiro.
 DOUS-CORREGOS.—João Sabino Franco.
 CAMPINAS.—Pedro José Gonçalves.
 PARNAYBA.—Vicente Ferreira Nunes.

CAPITAL FEDERAL

H. Lombaerts & Comp., rua dos Ourives.

PARANÁ

URITYBA.—Dr. Joaquim Miró.

MINAS GERAES

OURO PRETO.—Joaquim Marra.

MARANHÃO

S. LUIZ.—Dr. Herculano Nina Parga.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71—73.

Impresso nas officinas da Typographia Paulista
 Rua Libero Badaró, 71 e 73.—S. Paulo.

